

Brasileirosvão à Justiça contra ex-presidente da Nasdaq

Paola Carvalho

Reuters



 O especulador americano Bernard Madoff, ex-presidente da bolsa de valores Nasdaq, deu calote global de US\$ 50 bilhões, aplicados em fundo de alto rendimento do tipo pirâmide.

Para tentar reaver perdas milionárias, brasileiros que caíram no golpe do ex-presidente da Nasdaq (a bolsa que reúne as empresas de tecnologia dos EUA) Bernard Madoff vão entrar este mês com ação judicial indenizatória contra a Securities Exchange Commission (SEC), órgão que regula o mercado de capitais no país e exerce o papel de policiamento de Wall Street (a CVM brasileira). Também deverão entrar com processo contra bancos, instituições financeiras e a Haegler S/A do Brasil, que intermediava as negociações de investidores locais. O prejuízo total causado pelos fundos em formato de pirâmide – o dinheiro de quem entrava era usado para pagar os de quem saía e nada era aplicado – é estimado em US\$ 50 bilhões e teria atingido 5 mil pessoas. As perdas dos brasileiros ultrapassariam US\$ 2 bilhões.

Um investidor brasileiro que caiu no golpe e pediu para não ser identificado conta que em dois anos e meio investiu US\$ 260 mil e o último extrato bancário apontava, com os rendimentos, cerca de US\$ 310 mil. “O único posicionamento dado é o de que as operações foram suspensas, ou seja, o dinheiro sumiu e ficou por isso mesmo”, disse indignado. Ele conta que morou nos Estados Unidos por 10 anos e quando decidiu voltar ao Brasil optou em vender seu imóvel e aplicar em um fundo do Bank Boston, onde tinha conta. Esse fundo possuía principalmente cotas do Fairfield Greenwich Group (FGG) – principal canal de exposição aos fundos de Madoff.

“Para aplicar era preciso investimento inicial de US\$ 4 milhões. Assim, surgiram fundos que reuniam um grupo de investidores interessados até atingir o valor necessário. Foi assim que passei a investir”, explica. Segundo ele, a aplicação rendia em torno de 1% ao mês, percentual elevado para os padrões norte-americanos. “O dólar em si já era um bom investimento e, com 10% de rendimento ao ano, melhor ainda. Eu recebia o posicionamento mensalmente. Não tinha motivo algum para desconfiar”, disse. Ele entrará na Justiça contra o Bank Boston e o FGG. “Madoff não tem patrimônio para cobrir o prejuízo. Teria que entrar contra o Fairfield, que também não teria capital. Acho que minha única chance seria tentar junto ao banco onde eu operava”, avaliou.

O investidor entrará na Justiça dos Estados Unidos por meio do escritório Brito Associados, que representa outros oito investidores brasileiros do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Recife. O grupo soma prejuízos da ordem de US\$ 65 milhões. Brito Associados é o representante do Brasil entre os 35 escritórios de advocacia da aliança global formada por 22 países para atuar justamente na defesa dos investidores do esquema por meio da contribuição mútua de informações. A rede é coordenada pelo espanhol Cremades & Calvo-Sotelo. “O caso é atípico e bastante complexo. Caso não tivesse ocorrido esta aliança, demoraríamos um tempo muito maior para interpormos as ações”, afirmou.

Na visão de Renato Brito, as perspectivas são boas. A indenização contra a SEC é fundamentada na omissão do órgão regulador que, somente em 11 de dezembro de 2008, acusou a Bernard L. Madoff Investment Securities (BMIS) de fraude por ter conduzido um esquema conhecido como Ponzi (pirâmide financeira). Ainda leva em consideração que, diferentemente da maioria dos fundos de hedge (proteção), o de Madoff era regulado diretamente pela SEC. “A própria SEC abriu investigações para descobrir como a fraude não foi detectada antes, já que o órgão recebeu denúncias anônimas sobre o golpe desde 1999”, afirma Brito.